

A COMPLEXIDADE DA NASALIDADE NO SISTEMA VOCÁLICO DO PORTUGUÊS E AS IMPLICAÇÕES NO PROCESSO DE DESENVOLVIMENTO DA GRAMÁTICA FONOLÓGICA INFANTIL

MARIANA MÜLLER DE ÁVILA; ANA RUTH MORESCO MIRANDA

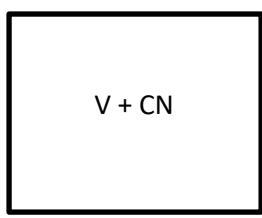
Universidade Federal de Pelotas – marianamulleravila@gmail.com
Universidade de Pelotas – anaruthmmiranda@gmail.com

1. INTRODUÇÃO

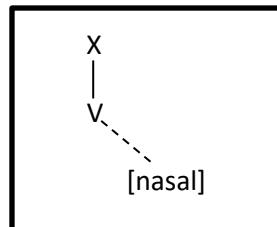
O presente estudo tem por fim analisar as estratégias de representação da nasalidade fonológica empregadas por crianças em fase de aquisição da escrita. Tendo em vista as diferentes perspectivas em relação à nasalidade vocálica da língua portuguesa, objetiva-se comparar as hipóteses de grafia da coda nasal por crianças brasileiras e portuguesas, estudantes do 1º ano de duas turmas, uma pertencente a uma escola da rede pública da cidade de Pelotas/RS e outra da região do Porto/Portugal.

Abordagem da nasalidade no português:

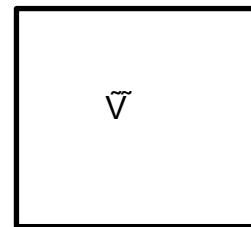
Camara Jr. (1977)



Mateus e Andrade (2000)



Costa e Freitas (2001)



A nasalidade vocálica da língua portuguesa apresenta diferentes perspectivas, como visto nos quadros acima. O teórico estruturalista Camara Junior (1977), por exemplo, argumenta que a nasalidade no português se dá a partir da combinação de dois fonemas, a saber: vogal oral + Arquifonema Nasal. Diferentemente de teorias não-lineares, como a vertente Autosegmental proposta por Mateus e Andrade (2000), que concebem a nasalidade fonológica como a extensão de um autosegmento flutuante não associado à posição esqueletal. Todavia, desvincilhando-se de tais propostas e com base em dados de aquisição da linguagem de crianças portuguesas, Costa e Freitas (2001) sugerem a existência de cinco vogais nasais, para além das nove orais já existentes no sistema vocálico do português europeu. Para os autores, a natureza distintiva das vogais nasais do português europeu reside no fato do traço [nasal] estar associado diretamente ao segmento vocálico.

Pesquisas como de Abaurre (1988) e Miranda (2009, 2011) apontam que a aquisição gráfica da nasalidade é complexa às crianças em processo de desenvolvimento da escrita alfabética. Isso, segundo Miranda (op. Cit), é claramente observado nos dados de escrita inicial, ainda que a aquisição da

nasalidade fonológica, atribuída em estudos sobre o fenômeno na gramática alvo à uma estrutura CVN, seja adquirida muito precocemente no período do desenvolvimento fonológico. Assim, contrária à ideia de que modelos da fonologia adulta devem dar suporte à análise dos dados de escrita inicial, a autora argumenta sobre a necessidade de haver espaço para o desenvolvimento nas análises referentes à escrita em sua relação com a fonologia e sustenta que dados de escrita são capazes de revelar as representações fonológicas infantis. No que tange a nasalidade, com base na variedade de formas de registro apresentadas pelas crianças, Miranda questiona a ideia de que, para elas, a estrutura disponível seja CVN, pois, na gramática sonora infantil, tal fenômeno parece resultar de um sistema que possui vogais nasais, um tipo de estrutura representacional que pode se modificar durante o processo de aquisição da escrita.

Em seu estudo de 1988, Abaurre apresenta três estratégias utilizadas pelas crianças para marcar a nasalidade fonológica na escrita: apagamento da consoante nasal, uso do til e/ou uso do til mais consoante nasal. Todavia, pesquisas mais recentes, como de Miranda (2009) e Ávila e Miranda (2017), apontam para o uso de estratégias outras, como a hipersegmentação e a mudança na qualidade da vogal, por exemplo.

Tendo em vista a ideia de que os dados podem oferecer indícios para que as representações fonológicas sejam discutidas, este estudo tem o propósito de descrever e analisar dados de registro da nasalidade de crianças brasileiras e portuguesas, a fim de contribuir para o aprofundamento das discussões já existentes.

2. METODOLOGIA

Para a realização da pesquisa, foram analisados 38 textos produzidos por crianças do 1º ano do ensino fundamental de duas escolas da rede pública de ensino, uma na cidade de Pelotas/RS e outra na região do Porto/Portugal.

As amostras de textos utilizados pertencem ao Banco de Textos de Aquisição da Linguagem Escrita (BATALE) e integram o 1º e o 4º estrato do Banco. O 1º estrato é composto por textos produzidos, entre os anos de 2001 a 2004, por crianças de 1^a a 4^a série de duas escolas, uma pública e outra particular, da cidade de Pelotas-RS. O 4º é composto por textos produzidos, no ano de 2009, por crianças portuguesas de 1º a 3º ano de uma escola pública, da região do Porto. Todos os textos do Banco foram coletados a partir de oficinas de produção textual que estimulavam a escrita espontânea das crianças.

Dos textos analisados foram extraídas todas as grafias com contexto de consoante nasal em posição de coda medial, as quais são divididas entre total de erros e acertos da grafia da consoante nasal pela criança. Os erros foram classificados de acordo com as estratégias utilizadas pelas crianças.

3. RESULTADOS E DISCUSSÃO

Dos 38 textos analisados, foram coletados 151 dados com a consoante nasal em posição de coda medial. No quadro a seguir, verifica-se o total de textos analisados, bem como o total de dados coletados de cada turma e o total de erros e acertos encontrados:

Escola	Turma	Total de Textos	Total de Dados	Total de Erros	Total de Acertos
Bibiano de Almeida	1º B	20	84	23 27.4%	61 72.6%
Cidade Jardim	1º C	18	67	19 28.4%	48 71.6%

As estratégias de representação da coda nasal utilizadas pelas crianças brasileiras e portuguesas são bastante semelhantes, com exceção de apenas três tipos de erros, os quais não são partilhados pelas duas turmas. As amostras investigadas apontam para o uso comum das seguintes estratégias: apagamento da consoante nasal – *grade* para *grande* -, hipersegmentação – *quan do* para *quando* - e mudança na qualidade da vogal – *tomvei* para *também*. Quanto às estratégias distintas, tem-se a omissão da vogal, encontrada em apenas um dado brasileiro – *Grnds* para *grandes* -, e o uso do diacrítico – *lôgo* por *longo* - e de outras consoantes – *emcortrou* por *encontrou* - nos dados portugueses. Todavia, a última estratégia mencionada, empregada pelos estudantes portugueses, apresenta contexto tanto para a assimilação, pela presença da líquida /r/ na sílaba seguinte, como para a dissimilação, uma vez que na palavra há dois contextos para nasalidade. De qualquer forma ambos os processos poderiam ser interpretados como tentativa de evitar o registro da nasalidade.

No que diz respeito às estratégias mais utilizadas pelos grupos, a turma referente às crianças portuguesas, de um total de 19 erros, apresentou 9 ocorrências de apagamento da consoante nasal (*quado* para *quando*), o que corresponde a 47.3% dos dados. Já na turma de estudantes brasileiros, de um total de 23 erros, houve 15 estratégias de hipersegmentação (*quan do* para *quando*), 65.2% dos dados, a qual foi subdividida em outras duas: sobreposição de estratégias e reconhecimento das formas gráficas das preposições. A sobreposição de estratégias corresponde a grafias como *MA DOU* para *mandou*, em que, além de hipersegmentar o vocábulo, a criança apaga a consoante nasal, talvez, reservando ali um espaço para algo que não consegue registrar. A última estratégia, reconhecimento das formas gráficas das preposições, com maior recorrência, de 47.8%, aponta para uma identificação por parte do aprendiz das preposições da língua, como em *EN CON TROU* para *encontrou*.

Pode-se pensar, portanto, que, durante o processo de aquisição da escrita alfabetica, a nasalidade apresenta-se complexa tanto para as crianças

brasileiras como para as portuguesas e que a proposta de Costa e Freitas (2001) para a existência de vogais nasais deve ser considerada.

4. CONCLUSÕES

Embora o estudo apresente um número reduzido de dados, em ambas as amostras a grafia da nasal se mostra problemática às crianças que estão adquirindo a escrita alfabetica, confirmado o que traz a literatura quanto à complexidade presente na representação da nasalidade fonológica. A análise mostra que as crianças consideram a nasalidade pertencente à vogal e não à consoante, como propõe Costa e Freitas (2001). Contudo, mais dados precisam ser analisados, não apenas quantitativamente, mas também, principalmente, no que concerne à qualidade das grafias produzidas por crianças brasileiras e portuguesas, sem que se perca de vista que, em ambas as variedades, a nasalidade mais geral, incluindo-se a nasalidade não contrastiva, apresentam especificidades.

5. REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

- ABAURRE, Maria Bernadete Marques. A relação entre a escrita espontânea e representações linguísticas adjacentes. *Verba Volant*, v. 2, n. 1, p. 167 – 200, jun. 2011
- ÁVILA, Mariana Müller; MIRANDA, Ana Ruth. Estratégias para a grafia das nasais em posição de coda medial utilizadas por crianças em fase de aquisição da escrita. *Anais do ENPOS*, UFPel, 2017.
- AZENHA, Maria da Graça. Construtivismo: de Piaget a Emília Ferreiro. 3ª ed. -São Paulo, Editora Ática S.A.,1994.
- BISOL, Leda. Fonologia da Nasalização. In: Abaurre, Maria Bernadete M. A construção Fonológica da Palavra - São Paulo : Contexto, 2013.
- CAMARA, Jr. Joaquim Mattoso. História e estrutura da língua portuguesa. Rio de Janeiro, Padrão, 1976.
- COSTA, João; FREITAS, M. João. Sobre a representação das vogais nasais em Português Europeu: evidência dos dados da aquisição. In: Hernandorena, Carmen Lúcia Matzenauer. (Org.). Aquisição de Língua Materna e de Língua Estrangeira. Aspectos fonético-fonológicos / Carmen Lúcia Matzenauer Hernandorena. Pelotas: EDUCAT, 2001.
- COSTA, Consuelo de Paiva Godinho; MALTA, Cinthia. Nasalização em Português Brasileiro: uma (re)visão autossegmental. *Signum: Estudos Linguísticos*, v. 18, n. 1, p. 132- 156, jun. 2015.
- FERREIRO, E.; TEBEROSKY, A. Psicogênese da Língua Escrita. Tradução Diana Myriam Lichtenstein, Liana Di Marco, Mário Corso. – Porto Alegre : Artmed, 1999.
- MATEUS, Maria Helena; ANDRADE, Ernesto d'. The Phonology of portuguese. 1. ed. - New York: Oxford University Press, 2000.
- MIRANDA, Ana Ruth Moresco. A grafia de estruturas silábicas complexas na escrita de crianças das séries iniciais. In: Sheila Zambello de Pinho. (Org.). Formação de Educadores: o papel do educador e sua formação. 1ed. São Paulo: Editora UNESP, 2009, v. 1, p. 409-426.
- MIRANDA, Ana Ruth Moresco. Aspectos da escrita espontânea e da sua relação com o conhecimento fonológico. In: Regina Ritter Lamprecht. (Org.). Aquisição da linguagem: estudos recentes no Brasil. 1ed. Porto Alegre: EDIPUCRS, 2011, v. 1, p. 263-276.
- MIRANDA, A. R. M. Aquisição da Linguagem: escrita e fonologia, 2018 (a sair).